



O uso de play-alongs nas aulas de bateria na EMUERN: um relato sobre a sua importância nos processos de preparação para a performance do instrumento

Magno Altieri Chaves de Sousa¹

Categoria: Comunicação

Resumo: Através desta comunicação, relato o uso dos *play-alongs* nas aulas de bateria para a realização de recitais de encerramento dos semestres letivos na Escola de Música da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - EMUERN, e a sua importância para a inclusão de todos/as os/as alunos/as deste instrumento no evento. Ainda foi demonstrado que, em apresentações com esse formato, utilizando os *play-alongs*, foi possível proporcionar a primeira performance musical de discentes que, talvez, nunca o fizessem, pois, apenas os estudantes mais “avançados”, eram convidados, por outros/as, para este fazer musical na instituição.

Palavras-chave: Aulas de bateria. Play-alongs. Play-alongs em aulas. Preparação para recital.

Title of the paper in English: The use of play-alongs in drum lessons at EMUERN: a report on its importance in the preparation processes for the performance of the instrument

Abstract: Through this communication, i report the use of play-alongs in drum lessons for the completion of recitals for the closing of semesters at the School of Music of the State University of Rio Grande do Norte - EMUERN, and their importance for the inclusion of all the students of this instrument at the event. It also demonstrated that, in presentations with this format, using play-alongs, it was possible to provide the first musical performance of students who, perhaps, never did, because only the most “advanced” students were invited, by others, for this musical activity at the institution.

Keywords: drum lessons. Play-alongs. Play-alongs in classes. Preparation for recital.

¹ Mestrando, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Escola de Música, altierimagno@gmail.com.



Introdução

Nesta comunicação, apresento um relato da minha experiência docente onde, utilizando-me do recurso de áudio conhecido por *play-along*, pude promover a prática musical entre todos/as os/as alunos/as que orientei durante os dois anos que ministrei aulas, do ano de 2018 a 2020, como professor substituto da cadeira de bateria, na Escola de Música da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - EMUERN, que funciona no Campus Central da instituição, este, situado na cidade de Mossoró, há cerca de 280km de distância da capital do Estado, Natal.

Mais especificamente, sobre o *play-along*, em música, é um termo do dicionário inglês e que, se traduzido para o português, temos a expressão: **toque junto**. Em outras palavras, é quando acompanhamos algum ou alguns músicos em uma performance musical pré-gravada, tocando um instrumento musical que não está inserido nesta gravação.

Trata-se de um recurso auditivo bastante atual, moderno, tendo surgido, mais ou menos, na década de 1960, e nos Estados Unidos (SILVA, 2017, p. 1). Inicialmente, quando se falava em *play-alongs*, remetia-se a livros sobre um determinado instrumento musical e, para que os leitores destes materiais pudessem acompanhar os exercícios ali propostos, ou, ainda, para que pudessem tocar num contexto de performance musical e aplicar os conceitos vistos durante o percurso da publicação, estes vinham com mídias de áudio para tocar-se junto.

Sobre a grafia para este recurso de áudio, utilizo, neste trabalho, desta forma: *play-along*, por ser a maneira utilizada por muitos livros para esta finalidade, a exemplo de *Brazilian Play-along*², *Play-along Flute*³. Mas outros modos também são encontrados para a escrita, como: *playalong* e *play along*, por exemplo.

A partir do ano de 2005, é que essa modalidade de livro/áudio começa a tornar-se mais incisiva no Brasil (LEVI, 2010, p. 9). De modo específico, no instrumento bateria, destaco duas obras que tenho em mãos e que, também, as utilizei nas aulas da EMUERN,

² Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Brazilian-Play-Along-Mpb-Vol/dp/8598306053>

³ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Play-along-Brazil-Flute-World-Music/dp/3702465855>



que são: “Toque Junto: bateria” (MASSA, 2000) e, “Toque Junto Bossa Nova: bateria” (FREITAS, 2008). Em ambas estas obras, os autores descrevem as características de cada música e das partes da bateria. Disponibilizam a transcrição da melodia tema das canções e, para o baterista, fornecem guias para a performance, ou seja: a bateria não está transcrita de forma literal, apenas, as partes-chave para a execução. Ainda encontra-se um CD, com todas as faixas duplicadas, sendo: uma com a bateria e, outra, sem este instrumento (*play-along*).

1. Relatando a experiência

O contexto das aulas de bateria na EMUERN, dava-se pela atuação em cursos de extensão, que são divididos em três níveis: Musicalização Infantil (um ano), Formação Básica 1 (dois anos) e Formação Básica 2 (dois anos). Na oportunidade, lecionei nestas três modalidades disponíveis na instituição.

Ao final de cada semestre, eu realizava um recital para formalizar o encerramento do período letivo com todos/as os/as alunos/as do instrumento. Como tinha, em média, um total de vinte alunos/as matriculados/as em todos os semestres que atuei como professor e sempre prezava por fazer com que todos/as tocassem nestes recitais, era inacessível ter, a meu dispor, uma banda base ou, ainda, conseguir montar e ensaiar, com cada aluno/a de bateria, um grupo musical específico para se apresentarem no dia deste evento (pela logística, sempre evitei essa opção).

Nesse sentido, o uso dos *play-alongs* se mostrava uma opção viável, acessível e, logisticamente, funcional. Com este recurso auditivo, o estudante pode praticar a música que tocava em sua apresentação, no horário, dia e local, que estivesse disponível para ele/a se dedicar a esta tarefa. Esta é uma das vantagens desse modelo de música, pois, por se tratar de um arquivo de áudio (MP3/WAV) e praticamente todos/as possuírem, ou terem a seu alcance, um aparelho telefônico/eletrônico, não ficariam sem praticar quando tivessem uma folga em suas atividades paralelas à música.

Esta foi uma das principais motivações para a aplicação destas músicas sem a bateria no processo de preparação e realização do recital e, desta forma, poder incluir, praticamente, todos/as os/as alunos/as deste instrumento na apresentação, pois, como o nível técnico/interpretativo deles/as era bem heterogêneo, sabia que, alguns/as, talvez,



pudessem ter algum tipo de dificuldade para que, em apenas um ou dois ensaios por semana, tirassem todas as suas dúvidas quanto a performance musical que realizariam, ao ponto de se sentirem confiantes e tranquilos/as para fazê-la.

Com o *play-along*, o fato de não terem tempo hábil para poderem ensaiar as suas músicas até o dia do recital não ocorria, porque, o/a aluno/a, poderia praticar a qualquer momento que quisesse ou que pudesse praticar. Esse “ensaio”, na verdade, só depende do/a discente. Ele/a é quem decide como, quando e onde, irá treinar. Ou seja, as sessões de prática musical, podem acontecer várias vezes por dia, por semana e, um detalhe a se destacar, é que, a “banda”, sempre estará disponível para isso acontecer, além de, também, o fato de que, estudando desta forma, consegue-se “uma resposta bem próxima à realidade de se fazer música em conjunto” (LEVI, 2010, p. 8).

É preciso pontuar e deixar bem elucidado que, “uma das formas mais prazerosas e eficientes de se evoluir como instrumentista, é tocar o máximo possível e em situações as mais diversas” (MASSA, 2000, p. 7) e, ainda, prezar em fazer músicas com outros/as músicos/musicistas. Uma modalidade de prática não substitui a outra, ou seja: o músico/estudante de música, deve praticar das duas maneiras, com o uso de *play-alongs* e, claro, ao vivo, interagindo com outras pessoas.

Além do que foi supracitado, uma situação que, em meu tempo de atuação, ocorria bastante nos corredores da EMUERN, era ver que, apenas os alunos mais “avançados” na prática da bateria, eram convidados a participar de algum evento (recital, cerimônia) para tocarem. Vendo isso, a possibilidade de os/as estudantes menos “avançados” no instrumento, serem um/a desses/as escolhidos/as, era escassa e, de certa forma, utópica. Nesse sentido, poderia acontecer de ter, algum/a aluno/a, após ter concluído o curso, nunca ter se apresentado ou, pelo menos, tocado com outro/s instrumentistas numa situação performática.

Por isso, a escolha pelo uso dos *play-alongs* era cada vez mais abraçada por mim, até que decidi utilizá-los em todos os recitais que promovi nos dois anos que trabalhei na instituição, com um total de quatro eventos realizados. Até fui criticado por não convidar outros/as estudantes da Escola para tocarem com os/as alunos/as de bateria nas apresentações e, esclareci: como queria que todos/as tocassem no recital e sabia que alguns nunca haviam feito isso (pois perguntava) e, talvez, nunca viessem a tocar, a opção

por *play-alongs* me parecia a mais atrativa e propícia, para que viessem a exercer esse fazer musical.

Outros aspectos reforçaram a utilização dos *play-alongs*, como: a logística para conseguir organizar o ensaio de vinte alunos/as, ter salas disponíveis para todos/as ensaiarem, conseguir um horário em comum entre os participantes dos vinte grupos, eu estar presente em pelo menos um momento desses encontros para acompanhá-los/as e, ainda, pensar numa forma para que a troca dessas bandas fossem tranquilas no dia do evento.

Como o *play-along* é um áudio, geralmente no formato de *mp3*, onde toda a banda está soando ali, para a apresentação dos/as alunos/as, eu só precisaria de: um *notebook/computador/celular* para executar o arquivo, caixas de som (utilizava duas, uma direcionada para o público e outra para o palco), uma mesa de som de pelo menos um canal e com duas saídas (para controlar o volume dos áudios e o equilíbrio entre as caixas, além da equalização destas), dois cabos para a ligação das caixas e de um cabo de áudio para ligar ao *notebook/computador/celular*. Eu utilizava esta configuração, porque dispunha dela, mas, daria para realizar com menos equipamentos. Ou seja, ao utilizar os *play-alongs* nos recitais de final de semestre dos/as alunos/as de bateria da EMUERN, ainda economizava nesse sentido.



Fig. 1. Imagem registrada antes de um dos recitais realizados na EMUERN.

Como exposto por Bosco (2008), “o sistema de *play-along* é com certeza a melhor forma de se exercitar ‘sentindo’ a música” (p. 7), claro, quando não se pode ter um grupo musical disponível de forma integral para se tocar/ensaiar presencialmente e, ao utilizar-se deste recurso para trabalhar a sua performance, você “traz uma banda, onde você é o baterista, para dentro da sua casa” (MASSA, 2000, p. 7).

Em uma aula, mais ou menos entre quatro e três semanas antes da realização do recital, eu separava o primeiro momento deste encontro para contextualizar e apresentar este recurso auditivo, o *play-along*, para os/as estudantes. Conversava com o/a aluno/a sobre qual o tipo de música que mais gostava de ouvir e, conseqüentemente, que queria tocar em sua apresentação. Dos áudios que eu tinha disponíveis em meu *notebook*, mostrava alguns que talvez pudesse ser interessante para tocarem no evento. Se não escolhe-se nenhum destes, procuraria na *internet* um em específico e, se a busca não resulta-se na seleção de uma música, perguntaria se tinha, em mente, alguma canção que gostaria de escolher.

Como, geralmente, não encontramos com tanta facilidade a versão de *play-along* da música que pretendemos tocar, podemos aplicar alguns recursos que existem em *sites* e em programas, para “retirar” o instrumento/voz da faixa desejada e, dessa forma, podermos utilizá-la nas apresentações musicais. Um exemplo de *site* que utilizei com os/as alunos/as de bateria da EMUERN, foi o “Moises”, que, através da inteligência artificial, extrai vozes e/ou instrumentos dos *uploads* que você envia à página eletrônica. Claro, não é o mesmo que ter acesso a um áudio na versão de *play-along* produzido em um estúdio e que foi gravado instrumento por instrumento, pois, nestes meios alternativos, alguns sons que não deveriam ser extraídos, serão, e talvez até mesmo a bateria, ainda continue, mas de forma atenuada no produto final (*play-along*).

Nesta mesma linha de pensamento, sobre como poder obter as músicas sem o instrumento que se deseja para tocar, no nosso caso, a bateria, eu, em aula, mostrava, aos/às alunos/as, ainda, outra alternativa para encontrar esses *play-alongs*. Primeiramente, lhes dizia que, no que tange as versões de áudios sem a bateria, podemos encontrá-las através de outros termos e é comum serem apelidados por: *drumless*, *no drums track* ou *drums backing track*. Estas palavras-chave, devem ser inseridas antes do nome da música ou do estilo que você procura, por exemplo, no campo de buscas da

página inicial do *site* Google ou do YouTube, digite: *drumless* baíão (palavras-chave + tema que busca). Ou seja, coloca-se uma destas expressões, seguidas do tema que você deseja encontrar, que pode ser, o título de uma música ou de um gênero musical em específico.

Esses recitais, que venho citando ao longo deste trabalho, eram esperados, pelos/as alunos/as das turmas de bateria da EMUERN, com muito entusiasmo. Todos/as, ao iniciar um novo semestre, já diziam estar esperando o próximo acontecer e comentando do anterior. A dinâmica desses eventos era pensada exclusivamente para eles/as, alguns/as, até me pediam para tocar, mas dizia que o dia era deles/as.



Fig. 2. A visão do/a aluno/a perante o público ao tocar no recital de finalização do semestre letivo.

A partir da segunda edição que realizei, passei a convidar um baterista atuante no mercado musical da cidade, para fazer a abertura dos recitais. O intuito disso, era para que pudessem ver e ouvir, um instrumentista próximo à eles/as e, assim, poder proporcionar uma troca de experiências antes, durante e depois do evento.

Eu sempre comprava brindes musicais (baquetas, canecas personalizadas, chaveiros, acessórios para a bateria, camisas) para serem sorteados nos recitais, que aconteciam, sempre, no período da noite e em um dia da semana que todos/as pudessem estar presentes. Nas duas últimas edições, após a ideia de uma aluna, comecei a fazer, também, um *coffee break*, para tornar o ambiente mais familiar e agradável para todos/as (pais, discentes, convidados/as), pois, com uma quantidade grande de alunos/as a se apresentarem, o tempo de duração do evento também era um pouco extenso.



Lembro-me que, durante o biênio que estive atuando na instituição, apenas três estudantes, de pronto, disseram-me que não queriam se apresentar no evento. Um, por ser muito novo (de 10 anos) e apresentar uma timidez acentuada perante públicos maiores e, como possível solução, na época, propus duas alternativas: a) subir ao palco comigo e, juntos, realizarmos uma espécie de aula de bateria para a plateia, e b) tocar com outro colega, que conhecia e tinham a mesma idade, cada um em uma bateria. A segunda opção foi a acordada com o discente, que se apresentou.

O segundo a não querer participar dos recitais, sempre foi de poucas palavras durante as aulas. Era tímido e perdia o foco da atividade que estava a realizar muito facilmente. Até conversei com a sua mãe sobre o assunto, com muita delicadeza, claro, mas me falou que o levava à especialistas desde muito pequeno e nunca obteve um diagnóstico a respeito. Até chegaram a supor o Transtorno do Espectro Autista ou a Síndrome de Asperger, mas nunca confirmaram nada. Este, o acompanhei por dois anos e, no primeiro recital, após aceitar tocar, queria ficar de costas para o público ou vendado. Após a primeira experiência no palco, nunca mais se negou a participar e até gostava, mas sempre com o olhar fixo em algo, geralmente, direcionado para o chão. Também não gostava de músicas com letras, porque falava que elas o atrapalhava ao tocar.

O terceiro, dentre os três que não quiseram tocar no recital, ingressou no curso no último semestre que trabalhei na EMUERN. Conversei bastante com ele e com a sua mãe para que tocasse no evento, mas, o máximo que consegui, foi que comparecesse no dia da apresentação. Segundo ela (mãe), após o recital, a pediu para ir, no dia seguinte, à uma loja para comprar um par de baquetas, pois ainda nem tinha um. Acredito eu que, se meu contrato tivesse durado, pelo menos mais um semestre, o veria no palco com os/as demais alunos/as.

Considerações finais

Neste trabalho, me propus a relatar a minha experiência como professor de bateria na EMUERN e, para a preparação performática dos/as alunos/as deste instrumento em recitais de conclusão dos semestres letivos, a importância do uso de *play-alongs* no preparo e na solidificação destas apresentações musicais.

Foi expresso, no corpo desta comunicação que, este recurso auditivo, pode potencializar a prática performática do aluno de instrumento, por se mostrar uma opção



viável, acessível e logisticamente funcional, para este processo de ensaios pré-recital, já que, o estudante, pode praticar, a música que tocará em sua apresentação, no horário, dia e local, que estiver disponível.

Também, com o uso dos *play-alongs*, foi possível promover a inclusão de todos/as os/as alunos/as no recital, já que ocorria na instituição o fato de apenas os estudantes mais “avançados” na bateria, serem convidados, por outros discentes e docentes, para apresentações musicais na Escola.

Vale destacar que, a prática com os *play-alongs*, não deve ser a única maneira para o fazer musical de estudantes ou profissionais da música, pois, é apenas uma possibilidade para realizá-la em tempo integral e, nada, pode substituir o contato interpessoal ou, ainda, o tocar ao vivo.

Outro destaque sobre a utilização dos *play-alongs* antes e durante os recitais de encerramento dos semestres letivos da EMUERN, foi o de poder proporcionar a primeira apresentação musical pública para alguns/as alunos/as que nunca o tinha feito e, talvez, nunca tivessem tido esta oportunidade, mesmo estando matriculados/as em um curso de música onde, tocar, deve ser o maior objetivo e não apenas praticar exercícios em sala de aula ou em seu quarto/estúdio.

Referências

BOSCO, João. Prefácio. In: FEITAS, Kiko. **Toque Junto Bossa Nova**: bateria. Rio de Janeiro: Lumiar, 2008.

FREITAS, Kiko. **Toque Junto Bossa Nova**: bateria. Rio de Janeiro: Lumiar, 2008.

LEVI, Alexandre Diego Aquino. **Samba Jazz**: reflexões sobre a ferramenta play along. 47 p. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Música). Faculdades Metropolitanas Unidas, Centro de Pesquisa e Pós-Graduação. São Paulo, 2010.

MASSA, Renato. **Toque Junto**: bateria. Rio de Janeiro: Lumiar, 2000.

SILVA, Davi da Conceição. Play Along: uma ferramenta de suporte aos Exercices Journaliers (EJ) do Método Completo de Flauta, de Taffanel & Gaubert. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, XXIII. 2017, Manaus. **Anais...** Manaus: ABEM, 2017. p. 1-15.